

digital

ESCOLAS QUE FAZEM A DIFERENÇA

CRISTINA PALMEIRÃO · JOSÉ MATIAS ALVES

[coordenação]



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
EDITORIA



ESCOLAS QUE FAZEM A DIFERENÇA
CRISTINA PALMEIRÃO E JOSÉ MATIAS ALVES

© Universidade Católica Editora . Porto
Rua Diogo Botelho, 1327 | 4169-005 Porto | Portugal
+ 351 22 6196200 | uce@porto.ucp.pt
www.porto.ucp.pt | www.uceditora.ucp.pt

Coleção · e-book
Coordenação gráfica da coleção · Olinda Martins
Capa · Olinda Martins
Revisão de texto · Cristina Palmeirão

Data da edição · maio de 2022
Tipografia da capa · Prelo Slab / Prelo
ISBN · 978-989-9058-26-2
DOI · <https://doi.org/10.34632/9789899058262>



CATÓLICA
CEDH · CENTRO DE ESTUDOS
EM DESENVOLVIMENTO HUMANO

PORTO

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

SAME
SERVIÇO DE APOIO À MELHORIA DA EDUCAÇÃO

<i>Introdução</i>	
<i>Escolas que fazem a diferença</i>	· 04 ·
Cristina Palmeirão e José Matias Alves	
<i>Como organizar a escola no pós-pandemia</i>	· 9 ·
José Verdasca	
<i>Organizar a escola na pós-pandemia.</i>	
<i>Propostas para o Ensino Experimental das Ciências</i>	· 15 ·
Jorge Teixeira	
<i>A (re)organização da escola no pós-pandemia:</i>	
<i>um compromisso partilhado na construção de uma escola inclusiva</i>	· 24 ·
Adélia Maria Leal Lopes	
<i>Como organizar a escola no pós-pandemia:</i>	
<i>o que podemos aprender com o passado recente</i>	· 30 ·
Teodolinda Magro – C	
<i>Para a inscrição curricular da avaliação pedagógica.</i>	
<i>O foco na melhoria das aprendizagens dos alunos</i>	· 38 ·
Fátima Braga	
<i>Abordagem à avaliação pedagógica - exercício autossustentado</i>	
<i>e contextualizado de consciencialização formativa</i>	· 57 ·
José Alexandre de Sá Pacheco, Humberto Óscar Parreira Nascimento e Ana Paula Fernandes de Jesus Moura	
<i>Aprender integrando – um caso prático</i>	· 76 ·
Célia Campelo e Manuela Miranda	
<i>A formação de professores em Tertúlia Pedagógica Dialógica</i>	· 90 ·
Manuela Gama, José Alexandre de Sá Pacheco e Humberto Óscar Parreira do Nascimento	
<i>Tertúlias Literárias Dialógicas numa escola de 1.ºCiclo</i>	· 100 ·
Lurdes Roque	
<i>10 Desafios para a ação educativa.</i>	
<i>Notas para um fecho de seminário e abertura de horizonte</i>	· 110 ·
José Matias Alves	

Introdução

ESCOLAS QUE FAZEM A DIFERENÇA

Cristina Palmeirão¹ e José Matias Alves²

A escolaridade de sucesso é a que resulta de processos dialógicos, de relações pedagógicas positivas e interativas, onde professores e alunos assumem o paradigma das escolas que fazem a diferença - nos modos de ensinar, de fazer aprender, saber e saber ser.

Nessa perspetiva, acionam e estabelecem “parcerias estratégicas e um diálogo cuidado entre a escola, a família e a comunidade. A finalidade é criar ambientes positivos para a aprendizagem, garantir a qualidade da educação e evidentemente o desenvolvimento humano” (Palmeirão, 2015, p. 83). Em cada ano letivo, estas escolas, reinventam-se e iniciam um novo ciclo de ensino e de aprendizagem. A escola uniforme é (devia ser) a escola do século passado. A este propósito, Miguel Santos Guerra (2018), alerta para a necessidade de mudança e de inovação educacional, caso contrário, as escolas morrerão, porque incapazes de responder às necessidades do novo mundo.

Viver no mundo de hoje impõe a todos nós o magno esforço de aprendermos a lidar com situações imensamente antagónicas como são, por exemplo: a realização de cirurgias inéditas a permitir o transplante de coração de porco num ser humano, na tentativa última para salvar a vida da pessoa/paciente; as descobertas das neurociências acerca do

¹ Centro de Investigação em Desenvolvimento Humano, Faculdade de Educação e Psicologia, Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal. cpalmeirao@ucp.pt. <https://orcid.org/0000-0002-1949-8641>

² Centro de Investigação em Desenvolvimento Humano, Faculdade de Educação e Psicologia, Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal. jalves@ucp.pt. <https://orcid.org/0000-0002-9490-9957>

desenvolvimento do comportamento humano e da influência da herança biológica e do meio ambiente para melhor viver no mundo real; e o planeamento de um laboratório robótico móvel em Marte, com vista a explorar a existência de vida para além do nosso planeta... O momento atual é histórico. O futuro é cada vez menos visível. A pandemia e a ameaça latente de uma III Guerra Mundial marcam de forma indelével a vida e o diálogo intergeracional que temos vindo a viver desde há dois anos com o COVID19 (março de 2020) e mais recentemente com o conflito armado que opõe a Rússia à Ucrânia (desde fevereiro de 2022).

Ora, educar é, nas palavras de Roberto Carneiro (2001) “ajudar a prepararmo-nos para a mudança ou para decidir sobre o nosso próprio futuro” (p. 51) e, nessa base, prolongar a educação ao longo de toda a vida continua a ser a melhor estratégia e a melhor arma para gerar novas oportunidades de vida. “Os direitos humanos devem ser garantidos para todas as pessoas, independentemente do seu estrato social. Como já foi dito muitas vezes, os direitos não se compram nem se vendem” (Jares, 2007, p. 163) - vivem-se, como nos recorda Zélia Almeida (2000, citada por Carvalho, 2000, p. 123). Circunstância que envolve o assumir de uma ação educativa plural, de respeito e de implicação entre e interpessoal. Nesta demanda, o caminho é ainda de questionamento, de descoberta e de exigência, necessário para concretizar o princípio democrático de educação para todos, onde cada pessoa se desenvolve, se torna ativa, competente, prudentemente crítica e assertiva (Hattie, 2012, p.4). Competências essenciais para responder de forma cabal à complexidade do nosso dia-a-dia e para aprender a respeitar-se a si próprio e aos outros (Appadurai, 2009).

“Não basta nascer para se ser homem: é também necessário aprender. A genética predispõe-nos a que nos tornemos humanos, mas só por meio da educação e da convivência social conseguimos efetivamente sê-lo” (Savater, 2006, p. 45). E podemos até ser mais radicais. Não basta uma qualquer educação e convivência social (que até pode ser tóxica): precisamos de incrementar o sentido de humanidade, pois, como nos lembra Rubem Alves “Eu proponho, portanto, que o homem seja definido como uma nova espécie: *o homo compassivus*. Àqueles a quem falta a compaixão falta também a qualidade de humanidade. Não são meus irmãos” (Alves, 2002, pp. 85-86). Precisamos de retornar aos pilares da educação enunciados no célebre livro da UNESCO, coordenado

por Jacques Delors, “Educação, um tesouro a descobrir”: o “aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a ser e o aprender a conviver”. (Delors, 1996).

Esta perspectiva ativa a necessidade de “regressar e revalorizar os fundamentos [da Educação]” (Azevedo, 2011, p. 123), a fim de evidenciar e mais compreender o quão a educação emancipadora e dialógica é vital para o emergir de uma sociedade responsável e solidária. “As humanidades hoje têm de ligar educação, cultura e ciência, saber e saber fazer” (Martins et al, 2017, p.6). Mais, “A escola habilita os jovens com saberes e valores para a construção de uma sociedade mais justa, centrada na pessoa, na dignidade humana e na ação sobre o mundo enquanto bem comum a preservar” (Martins et al, 2017, p.13). Mas há muito de enunciado retórico nesta proposição. Como é evidente, a escola tem um claro déficit de justiça, de igualdade, de inclusão, de dignidade e humanidade. Como se sustenta, precisamos de outra gramática de escolarização (Alves, 2021) que se estruture segundo uma lógica mais solidária, mais humana, mais fraterna, numa gramática generativa e transformacional.

Cumprindo estas renovadas funções, as escolas (agrupadas e não agrupadas), em particular as TEIP (Territórios Educativos de Intervenção Prioritária), vêm repensando as suas ações e estratégias de ensino e de aprendizagem, promovendo processos de inovação e de mudança educacional para, continuamente, promoverem o sucesso educativo, implicando de forma efetiva os alunos na construção do seu projeto educativo e, concomitantemente, no desenvolvimento do território e das comunidades.

“A educação – a forma como organizamos o ensino e a aprendizagem ao longo da vida – há muito desempenha um papel fundamental na transformação das sociedades humanas. Ela conecta-nos ao mundo e uns aos outros, expõe-nos a novas possibilidades e fortalece as nossas capacidades de diálogo e ação. Porém, para formar futuros pacíficos, justos e sustentáveis, a própria educação deve ser transformada” (UNESCO, 2022, XI)

Continuamos a presenciar o crescimento da necessidade de “[re]aprender a negociar a mudança em educação” (Perrenoud, 2002), a “reimaginar os nossos futuros juntos” (UNESCO, 2022), enquanto possibilidade e a oportunidade para fazer cair a “sociedade do cansaço” que nos fala Byung-Chul Han (2014). Ativar o diálogo e a participação entre

peças e instituições é uma realidade que importa valorizar e celebrar (Palmeirão e Carneiro, 2021) e que nos remete para o objeto do Seminário **Aprendizagens (in) Visíveis: avaliação em contextos de inovação pedagógica**, um seminário realizado no âmbito do Serviço de Apoio à Melhoria da Educação (SAME) da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, no Porto, cujo programa privilegiou a voz de diferentes elementos da comunidade educativa - alunos, professores, diretores - e o contributo de várias instituições educativas.

Com este propósito, a jornada foi iniciada com a Tuna do Agrupamento de Escolas de Pinheiro que cantou o *Hino de Pinheiro*³ e encerrada com a Orquestra Músicos Douro⁴, com o tema *The Flinstobes Theme*. Entre atuações, alunos, professores e diretores testemunharam e partilharam interesses, preocupações e projetos/ações de melhoria da educação, explicitando áreas de mudança (visíveis e sentidas), em cada uma das escolas participantes⁵, mormente no campo da organização escolar, gestão e desenvolvimento do currículo, avaliação pedagógica, ambiente e clima escolar. Sem dúvida, a reflexão e a mobilização de esforços e alternativas aos modos de ensinar e de fazer aprender constituem e continuam a estar no cerne do debate e da publicação que agora se apresenta.

Referências Bibliográficas

- Almeida, Z. C. (2000). Da norma à (in)tranquilidade. Espaços e milites. In Carvalho, A. D. (2000). *A educação e os limites dos Direitos Humanos. Ensaios de Filosofia da Educação*. Porto Editora.
- Appadurai, A. et al (2009). *Podemos viver sem o outro? As possibilidades e os limites da interculturalidade*. Fundação Calouste Gulbenkian.

³ A Tuna de Pinheiro, nasce no âmbito de um projeto que envolve os professores de Educação Musical, nesta data, a Professora Cecília Lopes, e cuja finalidade passa por sensibilizar para o valor estético de diferentes formas de expressão musical, estimulando a criatividade dos alunos através da realização de diversas atividades (e.g. música coral e/ou instrumental, música instrumental *orff*, música instrumental popular).

⁴ Projeto inovador no âmbito da educação musical, o qual visa a integração social e o sucesso educativo de crianças e jovens, sobretudo os mais vulneráveis. Através de uma orquestra de cordas, é proporcionada formação musical e ensino de instrumento a cada aluno. A Orquestra conta já com numerosos concertos e apresentações públicas por todo o país, com repertório clássico e moderno.

⁵ A rubrica “O aluno conta – Voz dos alunos” será tratada numa próxima publicação.

Alves, J. M. (2021) Uma gramática generativa e transformacional para gerar outra escola. *Mudança em movimento -Escolas em tempos de Incerteza*. Católica Editora

Alves, R. (2002). *Gaiolas ou Asas*. Edições ASA

Delors, J. /UNESCO (1996). Educação – um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Edições ASA

Jares, X. R. (2007). *Pedagogia da convivência*. Profedições.

Hattie, J. (2012). *Visible learning for teachers: maximizing impact on learning*. Routledge.

Martins, G. et al (2017). *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Ministério da Educação/Direção Geral da Educação.

Palmeirão, C. (2015). A diferença somos nós: relação escola-família-comunidade. In Palmeirão, C. & Alves, J. (2015). *Ser autor, ser diferente, ser TEIP*. Católica Editora.

Palmeirão, C. & Carneiro, A. (2021). Multidisciplinary support teams for inclusive education during emergency online teaching - experiences and practices on the pedagogical triangulation's forum. EDULEARN21

Santos Guerra, M. (2018). Inovar o Morir. In Palmeirão, C. & Alves, J. (2018). *Escola e Mudança. Construindo autonomias, flexibilidade e novas gramáticas de escolarização – os desafios essenciais*. Católica Editora.

Savater, F. (2006). *O valor de educar*. Dom Quixote.